



EDITORIAL

A sexualidade feminina é um tabu por si só. Na sociedade em que vivemos, a expressão da sexualidade feminina em qualquer forma, mesmo que dentro dos padrões heteronormativos historicamente construídos e aceitos, é um ato vulgar, censurável ou mesmo uma carta de consentimento perene em aberto para violações. Para as mulheres é defeso conhecer e ter autonomia sobre o próprio corpo, seja para decidir se e com quem quer se relacionar, se quer ou não se reproduzir, ou mesmo a roupa que irá vestir.

No ambiente do cárcere, a anulação de qualquer expressão de sexualidade feminina toma outras formas, seja pelo abandono do mundo externo, seja pela proibição das relações entre mulheres presas. Não é comum que existam ambientes próprios para visita íntima nos presídios femininos, vez que a mulher encarcerada, na enorme maioria das vezes, é abandonada por seu parceiro. O abandono também é uma das faces da punição dada à mulher encarcerada – e uma das mais cruéis –, tanto com relação aos laços afetivos, quanto com relação aos laços familiares.

Segundo Julita Lemgruber, socióloga e ex-diretora do Departamento do Sistema Penitenciário do Rio de Janeiro, “a mulher transgressora não é considerada digna de respeito e atenção. Isso é cultural. É um problema nos cárceres do mundo inteiro. A expectativa de uma sociedade machista e patriarcal é que a mulher seja dócil e respeite as normas da família. Ao cometer um crime, ela rompe com a sociedade duas vezes e é abandonada. É castigada duplamente.”

Ao voltar o olhar para estas mulheres encarceradas, percebe-se a complexa teia de afeto, sexualidade, relações e estratégias para driblar as proibições impostas institucionalmente e o abandono do mundo externo ao cárcere. No contexto potiguar, o antropólogo Leonardo Santos etnografou as internas do Pavilhão Feminino do Complexo Penal João Chaves, no intuito de identificar os aspectos sociológicos de como e porque as mulheres em uma prisão, se organizam, se relacionam e se amam. Como resultado de sua pesquisa, elaborou um excepcional artigo científico, que ensejou o debate desta temática hoje.

Diante deste quadro, é com grande orgulho e satisfação que o Motyrum Penitenciário apresenta a décima segunda edição da Revista Transgressões: ciências criminais em debate, que tem como tema “A sexualidade da mulher no cárcere”.

Desejamos a todos uma leitura proveitosa!

Com os mais dedicados préstimos,
Corpo Editorial.